

---

CODINA, Víctor: *Diario de un teólogo del posconcilio*. Bogotá: San Pablo, 2013. 21 x 14 cm. 398 pp. ISBN 978-958-715-937-0

---

Apresentando e justificando a publicação de seu *Diário*, Codina trata de desfazer qualquer impressão de que este livro seja motivado pela pretensão de se julgar tão importante que precisamos conhecer “sua vida e seus milagres”... Quem conhece o A. jamais haveria de atribuir-lhe tal jactância. Entretanto, para que não haja dúvida, tinha razão em sublinhá-lo. É bem o contrário de Hans Küng, cuja autobiografia Codina lê e cuja prepotência critica por dar a impressão de que se considera “o único clarividente e profeta na Igreja de hoje” (354).

A intenção de Codina, ao dar a público seus apontamentos pessoais de cada dia, é oferecer às novas gerações acesso à experiência que nossa geração fez ao passar pelo Concílio e por tudo o que ele suscitou na Igreja. No caso de Codina, tratou-se também de passar da Europa à América Latina e, mais concretamente, à Bolívia. A decisão de pôr a público essa experiência fica muito clara no que escreveu a 16/05/2010: “Um jovem estudante jesuíta vem ver-me para que lhe explique que foi o Vaticano II que tanto parece ter influenciado na Igreja e do qual tanto falamos os mais velhos. Procurei explicar-lhe. Pergunto-me se não seria útil para as novas gerações escrever algumas recordações, memórias e amizades minhas que possam ajudar os jovens como a mim me ajudou ao começar a teologia ler o livro de Jacques e Raïssa Maritain, *As grandes amizades*” (356). Comentando esta anotação de seu *Diário*, o A. elucida que seu *Diário* não é uma autobiografia, “mas uma história narrativa do contexto teológico que nossa geração viveu e do qual [eu, Víctor Codina] fui testemunha privilegiada”, justamente por ter vivido e atuado em dois mundos e em duas épocas históricas tão diferentes. Ele prossegue explicitando que espera que o livro possa “ajudar os jovens a que conheçam a tradição teológica que os precedeu e que não de receber crítica e criativamente para responder aos desafios do futuro” (ib.). Ao terminar essas considerações, Codina se pergunta se conseguiu alcançar seu intento. Embora o recenseador não seja jovem, mas tenha vivido a mesma época que o A., julga-se no direito de responder que ele conseguiu o que pretendia. E o fez magnificamente.

Por tratar-se de um *Diário*, o livro apresenta um estilo ágil, vivo, o que faz com que se leia como um romance... As observações que acrescenta aqui e ali em vista da publicação, retificando, confirmando, completando o que escrevera anos antes, dão à obra uma surpreendente atualidade.

Embora não pretenda ser uma autobiografia, acaba por permitir captar a evolução intelectual, espiritual e pessoal do próprio autor ao embate dos acontecimentos por ele vividos e que marcaram a história da Igreja e da teologia nos últimos trinta anos e mais.

O *Diário* começa propriamente em 1982, quando o A. se transfere de Barcelona a Cochabamba. Mas foi uma ideia feliz que o A. tenha feito anteceder a seus apontamentos de cada dia, uma breve narração de sua fase europeia esboçada em linhas gerais nas páginas intituladas “As raízes” (11-30). Já aí se verificam as primeiras reviravoltas: da Igreja de cristandade à Igreja do Vaticano II, do nacional-catolicismo espanhol da Era Franco à modernidade vivida na Universidade de Barcelona e depois na de Innsbruck, da vida religiosa com características conventuais (apesar de os jesuítas não serem frades) à vida religiosa em pequenas comunidades localizadas em bairros populares. A essas mudanças somam-se ainda o aprofundado contato com a teologia oriental no *Institut Saint Serge*, de Paris, e uma primeira experiência com a América Latina no famoso Primeiro Encontro do Escorial. Mais importante, porém, no final deste período europeu, foi o martírio de Luís Espinal, jesuíta companheiro dele na época de formação, feito boliviano de coração e de mente, “assassinado por ajudar o povo”, como diz a inscrição de sua lápide sepulcral (31).

Todos esses contatos, especialmente a morte de Luís Espinal que causou em Codina um impacto profundo, levaram-no a pedir ser destinado à Bolívia. A mudança de ambiente geográfico e cultural foi fundamental para a evolução posterior do pensamento do autor.

O *Diário* nos oferece uma panorâmica do que se desenvolveu ao longo dos trinta anos entre 1982 e 2012 na vida da Igreja, na teologia, na América Latina e, em especial, na Bolívia. Codina participou das conferências episcopais de Santo Domingo (1992) e Aparecida (2007). Viveu por dentro os problemas entre a CLAR (Confederação Latino-americana de Religiosos) e o Vaticano. Sofreu o “inverno eclesial” e assinala, ao correr dos acontecimentos, a involução da Igreja nos pontificados de João Paulo II e Bento XVI (o recenseador estranha que a aproximação com os lefebvrianos e sua expressão mais gritante, o *Motu Proprio Summorum Pontificum*, não tenham sido mencionados a seu tempo). Acompanhou com preocupação o prenúncio da decadência do nível intelectual e espiritual dos futuros ministros da Igreja, prenúncio anunciado pelo baixíssimo nível intelectual dos seminaristas, por sua falta de interesse na teologia, pela ausência de capacidade de problematizar e de captar que a teologia tem a ver com a vida e com a ação pastoral que haverão de desenvolver. Diante disso, o desânimo com o ensino acadêmico acompanhará o A. ao longo dos anos de magistério no ISET (Instituto Superior de Estudos Teológicos, da Universidade Católica Boliviana). Ensinando eclesiologia em tempo de profunda crise eclesial, lamenta que os futuros ministros da Igreja não captem a transcendência da eclesiologia para a vida e a pastoral: “dormem, conversam, chegam tarde, alguns nem assistem [as aulas]. E eu falando do primado petrino, da recepção, da eucaristia como centro da comunhão eclesial... Dão-se conta do que significa isto para sua vida? Captam-no, valoram, entendem? Parece estarmos num jardim de infância” (320). Em

compensação e em contraposição, observa a receptividade entre leigos, religiosas, pessoas de todas as classes sociais e especialmente entre os mais humildes, por um aprofundamento na fé.

Outra nota que perpassa o livro é a evolução da vida religiosa. Teólogo sempre procurado para falar e escrever a respeito da vida religiosa, Codina observa o perigo de estarmos voltados saudosistas para os anos 70-80 e não reconhecermos como a situação mudou radicalmente. Por ocasião da comemoração dos 50 anos da CLAR (2009), escreve: “Velada sensação de que os tempos mudaram e não acabamos de situar-nos na nova realidade: pós-marxista, pós-moderna, globalização, de neoliberalismo, agonia da cristandade, diversidade de agentes (indígenas e afros, mestiços, camponeses, subúrbios, mulheres, jovens), a terra e a ecologia” (339).

Também a temática da teologia da libertação perpassa toda a caminhada retratada no *Diário*. Em 1991, um encontro com Gustavo Gutiérrez no aeroporto El Dorado, de Bogotá, dá azo à seguinte observação posterior: “Não se pode negar que os anos noventa apresentam uma problemática nova, diferente das dos setenta e oitenta. Começa a pôr-se a questão sobre o futuro da teologia da libertação que surgiu nos setenta num contexto bastante diferente do atual. Abrem-se temas novos: cultura, religiões, cotidianidade, o prazer, a sexualidade, a mulher, a terra” (166). Em 1996, noticia estar escrevendo um artigo sobre a encruzilhada em que se encontra a teologia da libertação: “Digo que é necessário fazer novas análises da realidade (não só socioanalítica, mas antropológica, cultural, de gênero, idade, religiosa e ecológica), uma nova iluminação (uma cristologia pneumatológica e trinitária) e uma nova práxis (fermento, testemunho, pequenos relatos, passar de elefantes a formigas), portanto surge um novo paradigma. A figura do cristianismo militante e messiânico já passou”. E acrescenta: “A alguns minha postura vai doer” (248-249). Ainda na perspectiva das mudanças da teologia da libertação, ao comentar em 2012 o Segundo Encontro do Escorial, de 1992, Codina faz um balanço das perdas de teólogos, seja por morte, seja por evolução/involução ou inclusive por abandono da fé católica (cf. 196). Mais adiante, a propósito do livro *A fé em Jesus Cristo*, de Jon Sobrino, comenta o erro que consiste em considerar a teologia da libertação como um bloco monolítico. Há uma multiplicidade que Codina tenta classificar aproximativamente (cf. 271-272).

Lendo este *Diário* de Codina, acompanha-se a gênese de seus livros principais, todos escritos neste período, mas o que mais impactou o recenseador foi como, pouco a pouco, aflora em sua consciência o déficit pneumatológico da teologia da libertação e da teologia ocidental *in genere*. É o que se poderia chamar de “revolução pneumatológica” de seu pensamento. É apaixonante acompanhar essa descoberta que se vai aprofundando e confirmando no decorrer dos anos, a partir da experiência com o povo

simples e as culturas autóctones e do contato com a tradição oriental. Conexo com isso está a explicitação das três ilustrações. Em 2006, ao ler um artigo de Agenar Brighenti “que afirma que a primeira Ilustração era antropocêntrica, a segunda Ilustração histórico-crítica e a terceira Ilustração cosmocêntrica: razão dialogal, a alteridade, razão simbólica e intuitiva, Habermas, Ricoeur...”, Codina acrescenta: “Iluminou-me muito, pois era o que desde há tempo eu intuía, liga com a pneumatologia, corpo, sexualidade, mulheres, indígenas, ecumenismo, diálogo inter-religioso, ecologia” (312). De fato, não é algo que Codina tenha aprendido simplesmente da leitura do artigo citado. A preocupação pelo simbólico vem de longe, como se pode verificar na leitura do *Diário*. O contato com as culturas originárias lhe abriu os olhos para uma análise da realidade com “categorias novas, mais antropológicas, culturais, de gênero, de idade, de ecologia e de religião. É a passagem à chamada terceira Ilustração que se abre aos diferentes, aos outros, ao pluralismo, ao Outro. Isso tudo supõe uma teologia mais plural, mais simbólica, mais narrativa, menos dialética e lógica” (211).

Haveria muitíssimo mais a dizer sobre este livro, tal a variedade de temas abordados e a riqueza de intuições que o A. nos apresenta. O recenseur espera, no entanto, que a amostra tenha sido suficiente e despertado o desejo de ler este *Diário* fascinante. As editoras católicas brasileiras que já traduziram tantas obras de Codina poderiam traduzir esta também. Seria uma contribuição muito iluminadora para as novas gerações entenderem como chegamos aqui e não precisarem perguntar, com o jovem jesuíta mencionado acima, o que houve com o Vaticano II de que a geração mais antiga tanto fala. Só resta desejar que Codina, apesar do SI 89 (citado na p. 397) e de seus 80 anos – ou quem sabe justamente pela sabedoria acumulada nessa longa caminhada – continue a desenvolver ainda muitas das intuições que se encontram em seu *Diário*.

Francisco Taborda SJ

---

BINGEMER, Maria Clara: *O Mistério e o Mundo. Paixão por Deus em tempos de descrença*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013. 479p., 21cm x 14cm. ISBN 978-85-325-2793-6.

---

O título mostra o desafio da temática no paradoxo de mistério e mundo, Deus e descrença. A A. enfrenta-o em três níveis. Começa, em reflexão ampla, com a questão cultural da modernidade tardia em que acontecem a cultura secular e a crise da religião. Em seguida, ela debruça-se especificamente sobre a experiência religiosa ou mística para perscrutá-la nas histórias místicas biográficas, exemplificadas em duas mulheres – Dorothy Day, Ety Hillesum – num jesuíta belga Egide van Broeckhoeven.

No primeiro passo, a A. traçou amplo quadro da situação presente. Ela chama-a de modernidade prematura ou tardia. Encara-a como interpelação em face da presença de mística cristã não vinculada à Igreja, mas vivenciada por homens e mulheres em sintonia com a fé cristã e o evangelho. A pesquisa pretende redimensionar o conceito de mística que tem “decaído de sua nobre significação original”, na expressão de H. Vaz.

Ao aproximar-se da modernidade do século XX, BINGEMER aponta, logo de início, ponto fulcral, ao afirmar que “já não é mais a razão iluminista que aparece como critério fundante e nuclear da vida humana, mas um estímulo a um desenfreado consumo que faz o ser humano acreditar que nisso se encontra a felicidade” (p. 29).

Começa a tecer o quadro do contexto cultural, constatando a queda das utopias. Como a utopia que dominou até recentemente o mundo político se vestiu de traços socialistas, com a queda desse sistema, restou unicamente o modelo capitalista, agora na forma neoliberal. Tal fato afetou também o cristianismo histórico que participava de traços da utopia socialista. Há uma crise geral das utopias, fragmentadas e privatizadas. Outros acreditam ainda na utopia crítica em face do individualismo exasperado.

Marca o mundo atual o fim das certezas. A metáfora do líquido na linguagem de Bauman ou a do fim das grandes narrativas de Lyotard ou do simulacro de Baudrillard traduzem tal situação. “Tudo é passageiro, nada é certo”.

Vivemos o fim das hegemonias e o predomínio da pluralidade. Constata-se deslocamento do social para o cultural, fragmentando o conceito de cultura. Designam-na como cultura da passividade, do espetáculo, do consumo, de instrumento de poder, da pluralização de valores, não raro anárquica. Lipovetsky fala de “individualismo hipermoderno”. Paradoxo da soberania do indivíduo e da perda da posse do indivíduo sobre sua pessoa.

Está em curso uma nova geografia em termos econômicos, políticos e religiosos a estabelecer no atual contexto mundial. O impacto da globa-

lização, das migrações de massa influencia-lhe a configuração. Surgem graves problemas éticos.

Proseguindo a análise, a A. aponta série de fatores que merecem consideração: a abundância de meios e a escassez de fins, a crise da memória e das tradições, a crise da ética e a volatilidade da moral, a crise das instituições e a nova subjetividade e finalmente a nebulosidade da Transcendência e a desconstrução da fé.

Temos assim penetrante análise da sociedade atual. Cada item elencado carrega em si abundantes elementos para compreender o que se verá adiante nos capítulos seguintes.

Como problema fundamental, que afeta a temática central do livro, defrontamo-nos com a tão estudada e propagada secularização e a consequente crise da religião. Só depois de penetrar-lhe o fundo da questão, entenderemos o surto religioso, místico atual e nele as biografias místicas, a narrativa teológica e os três testemunhas escolhidos para estudo detalhado.

A religião sofre no mundo atual de intrigante paradoxo. De um lado, continua vigorosa a afetar os anseios, as subjetividades das pessoas. Doutro lado, já não consegue configurar a sociedade, como o fizeram em tempos de Cristandade. A A. analisa tal tensão interna de força e fraqueza, de impacto e recesso.

A religião constitui-se na mais onipresente e universal dos traços constitutivos da humanidade. Todas as culturas, exceto a moderna, nasceram em contexto religioso. Mesmo no momento presente, apesar da força corrosiva da secularização, a religião continua ocupando espaço na vida do cotidiano pessoal e na academia. A secularização substitui o mito pelo discurso racional, desencantando-o. Na base está um humanismo que desbanca o Sagrado, o Divino, Deus. A A. cita o pe. Vaz que faz recuar os albores da modernidade a Platão, para chamar a atual modernidade de moderna ou de pós-cristã. Nesse longo processo, o texto salienta algumas tendências da modernidade: do teocentrismo para o antropocentrismo, da ciência tutelada à emancipada e autônoma, da religião como explicação do mundo à concepção do mundo como autoexplicativa, da teologia como rainha das ciências para as atuais ciências, da concepção teocêntrica do mundo para a racional.

Tais transformações chocam-se com o Cristianismo histórico, impondo-lhe modificações profundas na concepção de criação, de história, do culto a Deus, do mistério da Encarnação. Aí se estabelece o diálogo entre ambos: Cristianismo e modernidade secularizante.

Nessa linha, a A. aprofunda temas como o antropocentrismo e a autonomia do humano; a hegemonia da razão, o poder da ciência e o desmando da técnica; a pluralidade e o fim das unicidades; a profanidade do mundo e o silêncio de Deus; o ateísmo teórico e prático; o vazio do sentido; a

atrofia da liberdade; a sede de Absoluto; o primado da experiência e a crise de instituições e dogmas.

A simples enumeração dos itens trabalhos mostra a relevância da reflexão e desperta-nos a curiosidade de penetrá-la. Vale realmente seguir a A. em caminho tão rico que a breve recensão não consegue fazer.

Os capítulos seguintes constituem o coração da pesquisa. Foram preparados pelas análises dos anteriores. Logo de início, a categoria de experiência ocupa lugar privilegiado para ser adjetivada com os termos religiosa, mística, desenhando assim novo momento, nova configuração e novos desafios.

O surgimento reativo da experiência deve-se, sem dúvida, às provocações secularizantes, objetivantes, pragmáticas da modernidade avançada. Interessa deter-se no conceito de experiência na perspectiva da filosofia e teologia. Ela permite entender melhor a dimensão religiosa do ser humano. A A. delimita, de modo especial, quatro tipos de experiência: Religiosa, mística, de Deus, cristã de Deus.

O apuramento conceitual visa a que se aprofunde na experiência narrativa de Deus e assim ter acesso ao Mistério de Deus, num contexto movediço e perturbador de tal percepção. Para elaborar o conceito de experiência a A. frequentou o campo da etimologia, compulsou dicionários e enciclopédias, além de aludir aos sentidos comuns e vulgares do termo e de aludir ao frenesi de tudo experimentar por força de provocações externas e assediadas.

O livro avança ao aduzir a necessária distinção entre experiências, emoções e sensações que se confundem frequentemente no linguajar comum e na falta de clareza das nuances e proximidades dos termos. Há vinculação, mas não identidade entre emoção e experiência. A experiência vai mais fundo que a emoção, mesmo quando esta acompanha aquela. Nem a emoção nem a sensação se identificam com a experiência. Limitar-lhes-iam o alcance.

Avançando na compreensão de experiência, o livro aborda o uso feita pela filosofia e teologia, incluindo a dimensão de transcendência do sujeito que experimenta. Retoma a definição de H. Vaz de que a experiência é a face do pensamento que se volta para a presença do objeto. Acentua a interação objeto-sujeito. Aponta quatro níveis de experiência: empírico, antropológico, metafísico e teológico.

Prossegue a reflexão, explicitando a experiência religiosa nas pegadas de Rudolf Otto que a define a partir da dupla clássica categoria da sedução [fascinans] e do temor [tremendum]. Ela se situa na ordem do “totalmente outro” [der ganz Andere]. Outros autores trabalham características diferentes como inefabilidade, noética, passividade, transitoriedade e integração. Oferecem-se critérios para discernir as autênticas experiências religiosas como não depender de fenômenos extraordinários, a consciência de certeza

de sua realidade, repercussões afetivas como paz, gozo, fruição, alegria e finalmente a presença do amor.

A oração se apresenta como lugar privilegiado de tal experiência, mas não único. Ela cai sob o fato da interpretação pessoal e cultural. Cabe aproveitar as contribuições que a psicologia oferece para interpretá-la e salvá-la de riscos do anulação de si mesmo. A A. aponta também fatores modernos de rejeição da religião por razões tanto de limites da religião como também de atitudes pessoais equivocadas.

Na intelecção da experiência mística, há muita diversidade seja por causa da natureza da abordagem psicológica, filosófica ou teológica seja por causa dos percalços da linguagem que a exprime. Nela estão implicadas realidades teológicas fundamentais como o Mistério e a graça, a encarnação e a vulnerabilidade e o fato de tantas testemunhas a narrarem.

Nos dois últimos capítulos, a A. se prende ao aspecto narrativo das experiências místicas, quer de maneira ampla quer no caso de três místicos concretos. As narrações dos místicos permitem-nos compreender o fenômeno e a experiência mística como um todo. Interpelam a teologia e levam-na a pensar. O testemunho refere-se ao que alguém viu, ouviu, experimentou, memorizou e juridicamente vale como prova de validade do acontecido. Experiência subjetiva exposta ao público. Na pós-modernidade, a teologia feita a partir de testemunhos recebe mais audiência. Daí a importância dos testemunhos de pessoas que se consomem no e pelo amor de Deus, os místicos.

A mística, continua a A., mantém aliança íntima com a ética, a saber com a ação transformadora no mundo, marcado pelo conflito e sofrimento, com o compromisso político, com o diálogo respeito às outras experiências religiosas. Portanto, não se trata de realidade em que a pessoa se ensimesma e se prende a sua própria interioridade, mas se abre à práxis transformadora da realidade. Tal afirmação contundente encontra apoio em autores de renome como G. Gutiérrez, A. Schweitzer, M. Blondel, de Certeau, K. Rahner, J. B. Metz. Deste último, cita a bela frase de “ser místico de olhos abertos ao mundo para perceber seus desafios, sentir seus sofrimentos e conflitos”.

Ao prosseguir a leitura narrativa dos místicos, diz Bingemer, eles se definem como pessoas de olhos e ouvidos abertos para o divino, apaixonadas por Deus. A mística mantém em face das instituições, inclusive eclesiais, atitude de tensão crítica, sobretudo no momento atual pós-moderno e pode ajudá-las no processo de encontrar na fé e na experiência de Deus o seu sentido último. Interessante perceber como os místicos vivem a experiência paradoxal. De um lado, escrevem, anotam, relatam em cartas as próprias experiências místicas e de outro lado, não raro sentem certa resistência em pôr por escrito essas experiências íntimas. Cabe notar que na tradição cristã se atribui importância ao escrito, ao livro, aos relatos.



É uma religião do livro. Hoje se cultiva a teologia narrativa, se processa a redescoberta da biografia como recurso teológico. Ao longo de toda a história da teologia, deparamos com maravilhosas biografias teológicas. Haja vista as famosas confissões de Santo Agostinho.

Para fechar esse livro profundo, bem detalhado, a A. relata-nos três histórias de vida com títulos significativos. Doroty Day, a revolução do coração; Etty Hillesum, a Shoá transfigurada; Egide Broeckhoeven, a intimidade com Deus e com os pobres. Lindas leituras espirituais para animar o cristão na vivência da vida de seguimento do Senhor.

Mais que um livro para leitura cursiva, trata-se de fonte de estudo para grupos que desejam penetrar a intrigante volta da mística em momento de tanto materialismo, consumismo e idolatria do indivíduo. Tanto as análises do contexto cultural dos primeiros capítulos, quanto o estudo da experiência, da linguagem e do exemplo de místicos oferecem luz para iluminar a complexa e quase contraditória experiência religiosa da pós-modernidade. Vale conferir.

*J. B. Libanio*